

## Olhares das crianças sobre a cidade de Porto Alegre

Ana Marta Meira 

(Grupo de Pesquisa em Educação e Arte — GEARTE/UFRGS,  
Porto Alegre/RS, Brasil)

**RESUMO — Olhares das crianças sobre a cidade de Porto Alegre** — O artigo apresenta reflexões, análises e experiências da pesquisa *Olhares das Crianças Sobre a Cidade de Porto Alegre: infância contemporânea, psicanálise, educação e arte*, tendo como foco os olhares das crianças sobre a cidade de Porto Alegre a partir de articulações transdisciplinares entre psicanálise, educação, arte, cultura, história e urbanismo. Olhares infantis sobre a cidade revelam que para além dos espelhos reais há possibilidades de experienciar a cidade com a criação de laços coletivos sistemáticos, a partir de redes imaginárias e simbólicas que outorgam consistência ao lugar constituinte da infância no espaço público e cultural da cidade.

### **PALAVRAS-CHAVE**

Psicanálise. Educação. Arte. Cidade. Criança.

**ABSTRACT — Looks of the children on the city of Porto Alegre** — This article presents thoughts, analysis and experiences of the research *Looks of the children on the city of Porto Alegre: contemporary childhood, psychoanalysis, education and art*, having as focus the looks of children on the city of Porto Alegre through transdisciplinary articulations between psychoanalysis, education, art, culture, history and urbanism. Childhood looks over the city reveal that beyond real mirrors there are possibilities of experiencing the city with the creation of systematic collective bonds, from imaginary and symbolic networks that grant consistency to the constituting place of childhood in the city's public and cultural spaces.

### **KEYWORDS**

Psychoanalysis. Education. Art. City. Children.

**RESUMEN — Miradas de niños y niñas sobre la ciudad de Porto Alegre** — El artículo presenta reflexiones, análisis y experiencias de la investigación *Miradas de Niños y Niñas Sobre la Ciudad de Porto Alegre: infancia contemporánea, psicoanálisis, educación y arte*, teniendo como foco las miradas de niños acerca de la ciudad de Porto Alegre a partir de articulaciones transdisciplinares entre psicoanálisis, educación, arte, cultura, historia y urbanismo. Las miradas de los niños sobre la ciudad evidencian que más allá de los espejos reales hay posibilidades de percibir la ciudad con la creación de vínculos colectivos sistemáticos, desde redes imaginarias y simbólicas que confieren consistencia al lugar constitutivo de la infancia en el espacio público y cultural de la ciudad.

### **PALABRAS-CLAVE**

Psicoanálisis. Educación. Arte. Ciudad. Niños.

A pesquisa Olhares das Crianças Sobre a Cidade de Porto Alegre: infância contemporânea, psicanálise, educação e arte (MEIRA, 2011) apresenta análises e reflexões sobre as crianças e a cidade em que habitam. A escolha de Porto Alegre como campo de pesquisa está relacionada ao interesse em analisar os olhares – narrativas, imagens, laços, produções – das crianças sobre a cidade em que vivem. O trabalho foi realizado a partir da criação do projeto Cidade das Crianças, com a proposição de atividades artísticas e lúdicas coletivas abertas a crianças em espaços públicos culturais do Centro Histórico de Porto Alegre. Crianças que apresentaram múltiplas vivências em sua infância foram foco de reflexão a partir de suas experiências e narrativas sobre a cidade de Porto Alegre. O estudo exploratório, realizado através de articulações entre psicanálise, educação, arte, infância, história e urbanismo, constituiu-se de forma transdisciplinar.

Na atualidade, há vários trabalhos dirigidos à reflexão sobre as crianças em sua relação com a cidade e o espaço urbano. Na direção dos trabalhos sobre as cidades educadoras, Frato (1997) apresenta o projeto realizado em Fano, Itália, onde as crianças se tornaram protagonistas da vida urbana. Tonucci (1996) realiza um trabalho dirigido à educação das crianças e a cidade, no qual são tecidas redes institucionais, comunitárias, outorgando lugares à infância no espaço urbano e inserindo a rua como espaço social de encontro.

Frente ao discurso que atribui às ruas a violência e a marginalidade, cabe repensarmos novas formas de ocupar esse território. Certeau (2001) analisa as diferenciações que ocorrem nas cidades entre lugar e espaço, afirmando que “o espaço é um lugar praticado” (CERTEAU, 2001, p. 202). O aprofundamento de estudos sobre o tema é de fundamental importância em tempos em que a degradação do espaço urbano e a violência que o habita são apresentados como uma constante (SENNET, 1997, 1988).

Considerar as crianças a partir de seus olhares sobre a cidade, escutando suas histórias, possibilita que encontrem espaços simbólicos nos laços com ela, reconhecendo lugares para experimentar sua infância. Convocar as crianças à

leitura de sua cidade é um ato educativo por excelência, ali onde se torna possível suspender o tempo, olhar, dialogar, escutar, refletir sobre as imagens que as crianças produzem. Conhecer o *topos* em que a cidade se situa nos mapas imaginários e simbólicos das crianças a partir de discursos, trajetórias e imagens constituídas em proposições artísticas e lúdicas é um trabalho que representa o reconhecimento de suas experiências e culturas.

O trabalho de pesquisa foi realizado no período de agosto de 2006 a dezembro de 2010 em espaços públicos abertos à circulação da comunidade, localizados no Centro Histórico de Porto Alegre a partir da criação do projeto Cidade das Crianças<sup>1</sup>, tendo se estendido posteriormente. Iniciou suas intervenções em agosto de 2006 na Oficina de Artes Sapato Florido, Casa de Cultura Mário Quintana. Foi realizado no Centro Cultural CEEE Erico Verissimo, em parceria com a instituição, de julho de 2007 a julho de 2013, na Usina do Gasômetro, em parceria com a Usina do Papel, de julho de 2013 a junho de 2017. O projeto foi posteriormente realizado na Pinacoteca Rubem Berta, no Centro Histórico de Porto Alegre, com apoio da Secretaria Municipal de Cultura.

Às crianças, através das atividades propostas, foi lançado o desafio do mergulho em seus olhares sobre a cidade: traçados, narrativas, fotografias, desenhos, histórias, poesias, movimentos, formas, sons, filmagens, brincadeiras, campos nos quais imagens e palavras sobre Porto Alegre se constituíram. A presencialidade e sistematicidade, pressupostos das intervenções do projeto Cidade das Crianças, possibilitaram às crianças a realização de experiências coletivas em espaços de circulação aberta ao público.

A pesquisa realizou-se através de estudos exploratórios, observação participante e intervenções com articulações constantes entre a reflexão teórica e a experiência, inscrevendo a práxis como tessitura fundamental do trabalho. Os olhares das crianças sobre Porto Alegre foram tecidos coletivamente, evidenciando que espaços culturais dirigidos à infância são possíveis fontes de criação, compartilhamento, laço com o outro e com a memória e história da cidade.

A arte em suas várias linguagens e a ludicidade foram as vias fundamentais propostas às crianças. Atividades extensivas temporalmente, fundadas na possibilidade de repetição, elaboração e criação coletiva permanentes, marcaram os caminhos percorridos ao longo do trabalho presencial.

A forma que marcou o trabalho com as crianças privilegiou tempos da infância, próprio do brincar e de ensaios de ser, nos quais o passar o tempo sem acelerações é constituinte.

A transdisciplinaridade constituiu o campo norteador do trabalho proposto, com o diálogo entre psicanálise, educação, arte, urbanismo, história e demais áreas. As atividades artísticas e lúdicas realizadas foram articuladas à criação de uma história para o teatro de sombras, desenhos, fotografias, sons e músicas, literatura, filmagens, brincadeiras tradicionais, passeios e visitas a locais históricos, participação em eventos artísticos e culturais, entre esses a Bienal do MERCOSUL/Ação Educativa, Ala Infantil da Feira do Livro de Porto Alegre, exposições artísticas, espetáculos teatrais.

O trabalho das crianças com a fotografia desdobrou-se nas atividades realizadas para o público, como a montagem e produção de exposições para o Portal Cultura Infância (2008)<sup>2</sup>, os eventos na Ala Infantil da Feira do Livro de Porto Alegre realizados pela Câmara do Livro Riograndense e para a exposição Bom Fim Um Bairro Muitas Histórias, no Museu da UFRGS (2011)<sup>3</sup>, esta última tendo sido publicada em seu catálogo. O olhar das crianças nos registros fotográficos e em seus enunciados era marcado pelos pequenos detalhes, pelas pequenas coisas. No momento em que realizam fotografias, a máquina fotográfica adquiria uma posição diferente, não se enquadrando na forma tradicional, mas sendo inclinada, girada, revirada pelo olhar infantil. Posteriormente, com o acesso a aparelhos celulares, as crianças realizavam fotografias com mais facilidade.

A Cidade das Crianças realizou processos de transmissão do brincar com brinquedos e brincadeiras antigas da cidade de Porto Alegre. As brincadeiras

tradicionais são consideradas desde seu lugar fundante de laços coletivos na infância (MEIRA, 2004). As crianças foram apresentadas aos brinquedos tradicionais: piões de madeira, bonecas de pano, elástico, cinco marias, cabra-cega, bolinhas de gude, cama de gato, peteca, corda, entre outros.

As crianças tiveram acesso a vários livros sobre a cidade de Porto Alegre. Imagens, histórias, folhetos, cartões, mostram traços da cidade. Há também livros de autores relacionados à história da cidade de Porto Alegre. As crianças que participavam do projeto no Centro Cultural CEEE Erico Verissimo, realizavam a doação mensal de um livro relacionado à cidade de Porto Alegre, literatura infantil, para a Biblioteca O Continente. Com isto, houve o projeto de criação de um acervo sobre Porto Alegre, infância, brincadeiras tradicionais e autores da cidade.

As crianças participaram sistematicamente de atividades artísticas e culturais realizadas no Centro Histórico de Porto Alegre. Teatro, exposições artísticas, eventos culturais no Cais do Porto, passeios a praças, prédios culturais históricos, teciam experiências que consolidavam laços das crianças com o espaço público (MEIRA, 2010). As portas eram abertas para o projeto, que muitas vezes agendava com antecedência visitas, interferências, idas ao teatro, entre outras atividades.

Nos passeios e visitas as crianças realizaram muitos contatos e conversas com pessoas que trabalham ou frequentam os locais, muitas vezes fotografando-as. Essas trajetórias coletivas se constituíram em permanente fonte de laços com a cidade, o espaço urbano, a comunidade e com os acontecimentos que lhe dão vida.

A dimensão de escuta da infância em seus desdobramentos, como o brincar, as histórias, os desenhos, as conversas, as trocas entre crianças, com os pais e os visitantes/passantes desconhecidos da cidade, as experiências de participar em eventos como exposições, atos culturais, passeios, Bienal, Feira do Livro, foram traços que marcaram as crianças. O espaço público, a rua, as crianças, as artes, brincadeiras, histórias e conversas, fundaram experiências e

outorgaram consistência a seu imaginário. Extensas redes, laços e diálogos foram tecidos ao longo da experiência, marcados pelo prazer de encontrar o inesperado.

Na atualidade as crianças apresentam em suas produções traços das configurações sociais, entre esses, temporalidades aceleradas e imperativos de eficácia. Ao trabalharmos com as crianças dando-lhes tempo para elaborar outras posições e criações é possível observar o rompimento com automatismos e espelhamentos que regem seu pensamento e suas produções. Mas esse rompimento pressupõe que encontrem novos textos, novas imagens, também a partir da transmissão e da experiência. A transmissão significativa das experiências marcadas pela presencialidade são fontes constitutivas dos processos de criação na infância.

A imagem e a experiência na infância contemporânea são campos que se articulam, enlaçando-se a associações, deslocamentos e condensações que outorgam consistência à subjetivação na criança. Quando as crianças são convocadas a criar dentro de um espaço de tempo exíguo e pré-determinado, esses processos se fragilizam, ficando atrelados à demanda do Outro e a imperativos de produção. As imagens que habitam o psiquismo da criança são tecidas a partir de presencialidades e ausências. É na ausência do que lhe foi apresentado, atribuído, que a criança tece imagens de si, do outro e do mundo, articulando os registros do imaginário, simbólico e real<sup>4</sup>.

O comentário de que as crianças de hoje são rápidas em suas criações está relacionado a uma concepção que as coloca em um lugar de eficácia quando ali poderiam ter acesso a tempos e espaços que as autorizem a criar a partir de suas próprias temporalidades, diferenciando-se dos ritmos velozes da sociedade atual. Podemos encontrar em autores clássicos na psicologia, como Piaget (1973), a referência à construção do conhecimento e à temporalidade do aprender própria e necessária aos ritmos de cada criança.

Nas imagens relacionadas à infância, podemos encontrar restos da história, do lugar atribuído às crianças em seus caminhos. Didi-Huberman (2002) escreve

sobre as imagens em sua condição de narrativas sobre a história e ao fato de sua apresentação na atualidade vir a representar irrupções do passado no presente. Significações, retornos do recalcado, rememorações, formações do inconsciente, restos fantasmáticos, estão enlaçados às imagens, que apresentam traços pretéritos, memórias apagadas que retornam nos traços revelados.

Walter Benjamin (1993) escreve sobre a imagem dialética, que conjuga pretérito, presente e futuro. As imagens que Benjamin evoca na obra *Infância em Berlim* (1993) são pródigas em fazer falar a criança de sua época, assim como o prenúncio da criança atual, marcada pela massificação e ao mesmo tempo pelo apagamento de sua posição infantil.

Os discursos e imagens que falam sobre a infância frequentemente apresentam lacunas na escuta das protagonistas da história a que é referida: as crianças. Nesse sentido, escutar as crianças hoje é uma via importante para que se possa encontrar o que é considerado inaudito: a infância que se revela e desvela nas brincadeiras, nas histórias, nas narrativas, na busca dos olhares sobre seu lugar no espaço urbano.

Em sua análise sobre a história cultural e as sensibilidades, Sandra Pesavento (2004; 2006) escreve a respeito da busca do sensível e do imaginário social da cidade nas práticas culturais através dos registros deixados nos materiais de arquivo, nas artes, na literatura. Nos traçados urbanos podemos encontrar testemunhos sobre o imprevisto: subjetividades, cultura, discursos, imagens, com que seus habitantes os compõem. Sandra Pesavento (2002), em sua obra, analisa com rigor o imaginário e a cidade de Porto Alegre<sup>5</sup>.

Na obra *Segredos da Infância*, Augusto Meyer (1996) escreve sobre seu tempo de criança em Porto Alegre, no início do século XX. Suas brincadeiras e experiências na Praça da Matriz, *quintal de sua casa*, nos remetem a histórias que evidenciam a singularidade de suas rememorações, do olhar de criança sobre a cidade. As primeiras sessões de cinema ao ar livre na praça, as festas populares e religiosas, os

passeios, os primeiros tempos de escola, os bondes e as pipas, povoam suas narrativas. A população ocupava as ruas e as praças, extensão de suas casas.

Pensar, imaginar, narrar fragmentos da história de Porto Alegre a partir de múltiplas singularidades é forma de redescobrir a infância em seus territórios. Para isso são necessários trabalhos de escavação, como refere Benjamin (1993), em que pequenas letras desenhadas nos mapas imaginários da cidade levam a textos ainda não lidos. Ler a cidade é olhar para além da *janela dos olhos*. Que rumos os olhares das crianças escolhem, não sabemos. Ser sensível às suas trajetórias supõe escutá-las desde seus passos, imagens e narrativas.

Na arte e nas brincadeiras encontramos o imaginário tecido a partir do lúdico, dos processos metafóricos e metonímicos (MEIRA, 2004). Os artistas e as crianças tecem fios com poesias e brincadeiras, desvelando, com seus olhares, a cidade<sup>6</sup>. Entre o brincar, o artista e o sonho, produção de imagens, podemos transitar pelas múltiplas formas que outorgam à cidade a reinvenção de sua história, de seu espaço e das infâncias que a habitam. Escutar as crianças em suas versões sobre a cidade de Porto Alegre nos leva a transitar pelo imaginário que as povoa.

Nas brincadeiras tradicionais que persistem na atualidade, podemos encontrar formações constitutivas de seu imaginário: faz de conta; esconde-esconde; pega-pega; amarelinha; meia, meia lua, um dois três; passa anel; estátua; morto-vivo; mímica; adivinhas; parlendas; teatro de fantoches; bolas de gude; pião; pernas de pau; elástico; pandorga; cama de gato; roda; peteca; entre outras. As crianças aprendem estas brincadeiras através da experiência e compartilhamentos.

Considerando-se os planos urbanísticos desde seu estatuto simbólico (CHOAY, 1965), quais são os espaços reservados às experiências próprias da infância na cidade? É comum escutarmos, a partir desta interrogação, a afirmativa de que os lugares reservados às crianças no espaço público da cidade são os parques, praças e escolas<sup>7</sup>.



Em seu olhar sobre o espaço urbano, as crianças podem revelar espelhos que projetam nas ruas o que experienciam, apesar da constante vigilância e controle em seu cotidiano: desvelam o brincar, as histórias e os laços coletivos que constituem quando ensaiam seus próprios passos.

Bauman (2001, 2009) analisa a cidade e seus medos contemporâneos, ressaltando a crescente insegurança que é parte dos laços citadinos e a consequente constituição de fronteiras e espaços segregatórios e individualizantes no tecido urbano.

Tecido de forma coletiva, o projeto Cidade das Crianças evidenciou que as crianças podem realizar atividades culturais, artísticas, lúdicas, assumindo uma posição na qual a escuta do outro e a extensão temporal são traços fundantes. Fazer parte da Cidade das Crianças era visto pelas crianças como uma forma de pertencimento a laços com a cidade, uma aproximação ao espaço público desde uma posição de referência simbólica, de encontro com um espaço a elas dirigido, em sua infância.

A infância é linguagem em experiência, afirma Agamben (2002). É no tecido da linguagem que a criança se apropria do mundo, fundando a imagem de si, de seu corpo, do outro. O brincar é linguagem na qual a criança experiencia os processos subjetivantes que a constituem. Jogos de presença e ausência, jogos com palavras, gestos, movimentos, são ensaiados em meio ao laço social que oferece à criança a possibilidade de realizar trocas.

Muitas crianças estão sendo subtraídas da relação com o outro em presença, da colocação em cena de seu corpo, da escuta de histórias a viva voz, que lhes falem sobre a vida, a morte, o amor, a agressividade, as origens, as diferenças, sem que tenham que assistir à proliferação infindável de enredos débeis e violentos transmitidos pela via midiática. Entre as crianças participantes do projeto, a referência à busca de espaços públicos de compartilhamento, para além da escola, era recorrente.

O desejo de brincar foi enunciado permanentemente pelas crianças, sendo a elas permitido entrar no mundo da fantasia, da brincadeira, do faz-de-conta, algo que em sua vida cotidiana, em sua infância, era muitas vezes apagado.

A cidade desenhada, recortada, projetada em sombras na Cidade das Crianças desdobrou-se em uma constelação de letras, palavras, textos tecidos com vários fios. Moebius, a fita sem fim, é associação possível às enunciações inscritas nos processos de criação coletiva, nas idas e vindas, nas passagens das crianças pelas vias da cidade.

Darmon (1994) em seus ensaios sobre a topologia lacaniana apresenta referências à fita de Moebius e sua configuração associando-a a uma transformação contínua onde não há dentro ou fora, interior ou exterior. É metáfora do sujeito que tem como matriz o simbólico, a cultura, a linguagem, o discurso, desvelando que a subjetivação é marcada pelo laço social.

Caminhando<sup>8</sup>, proposição artística de Lygia Clark (1963), apresenta os desdobramentos da fita de Moebius, enunciando em sua criação a intersubjetividade, os cortes da inscrição do outro na obra de arte, não mais exposta para contemplação. Lygia Clark escreve sobre essa obra apresentando a escolha como determinante da experiência em ato:

[...] “Caminhando” tem todas as possibilidades ligadas à ação em si: ele permite a escolha, o imprevisível, a transformação de uma virtualidade em um empreendimento concreto. Faça você mesmo um Caminhando com a faixa branca de papel que envolve o livro, corte-a na largura, torça-a e cole-a de maneira a obter uma fita de Moebius. Tome então uma tesoura, enfie uma ponta na superfície e corte continuamente no sentido do comprimento. Quando você tiver dado a volta na fita de Moebius, escolha entre cortar à direita e cortar à esquerda do corte já feito. Essa noção de escolha é decisiva e nela reside o único sentido dessa experiência. A obra é o seu ato (CLARK, 1964).

O *topos* da Cidade das Crianças pode ser referenciado aos contornos da fita de Moebius, na qual não há dentro ou fora, início ou fim, fundando trajetórias em movimentos e caminhos topológicos na rua, nos prédios, no entra e sai, no vai e vem, assim como em suas produções e enunciações, palavras e imagens. Entre as

crianças, a cidade e seus olhares, histórias foram entrelaçadas, redes foram tecidas ao longo da experiência, da presencialidade e da extensividade temporal dos processos de criação coletivos. Atravessando espelhos, as crianças caminharam, escolhendo suas trajetórias, encontrando o inesperado nos espaços da cidade.

A reflexão sobre os processos constitutivos do imaginário na criança através de experiências que produziram novos olhares sobre a cidade representou a busca de vias que redesenharam através da arte o encontro com o universo simbólico, cultural e lúdico da infância. Essa ludicidade e enriquecimento de imagens foram os tecidos sobre os quais as crianças puderam sustentar a convocação a olhar a cidade em que vivem.

A arte, marcada por processos criativos, extensivos, sem programações e controles, é campo privilegiado para que as crianças possam constituir de forma consistente o universo imaginário necessário para dar sustentação a seu lugar no mundo.

A experiência da Cidade das Crianças revelou que as crianças olham para sua cidade de forma diferenciada, mas para que isso seja registrado, há que atravessar espelhos que a sociedade imprime inconscientemente no laço social, encontrando, com isso, as infâncias difratadas em pequenos traços e espaços. Histórias, narrativas, diálogos, brincadeiras, processos de criação realizados por crianças de várias idades e culturas representaram enunciações de que a cidade faz parte de seu imaginário. Escutar as crianças é dar lugar e espaço às multiplicidades da infância, olhar a cidade a partir das elaborações das crianças é forma de outorgar espaço simbólico a quem a habita<sup>9</sup>.

As reflexões apresentadas remetem a experiências realizadas durante muitos anos, sendo importante pensar em experiências do projeto considerando as transformações sociais da atualidade. O incremento do uso das novas tecnologias da informação, dos aparelhos celulares e suas possibilidades de interação social pela via digital, o avanço de atividades à distância implementados em função da pandemia, produziram mudanças nas vivências das crianças. Mas a

importância da presencialidade, das trocas e compartilhamentos pela via das experiências coletivas nos espaços públicos na cidade continuam sendo imprescindíveis na vida das crianças, em suas aprendizagens e formação de cidadania.

## Notas

- <sup>1</sup> Vários profissionais e estudantes de várias áreas, como a Psicologia, Educação, Artes Visuais e Cênicas, Letras, Música, participaram do projeto, em diferentes períodos. Entre estes, Aline Busatto, Gil Soul, Cecília Dutra, Filipe Furlan, Vitor Butkus, Vera Sousa, Carolina Zimmer, Tábita Wittmann, Júlia Parise, Gabriela Bon, Umbelina Barreto, Gilvânia Pontes e Adriana Ganzer. A pesquisa foi realizada ao longo de cinco anos de trabalho (2006 a 2010), com crianças de diferentes grupos e classes sociais, na faixa etária de 4 a 11 anos, em espaços culturais e públicos do Centro Histórico de Porto Alegre (MEIRA, 2011).
- <sup>2</sup> As primeiras fotografias realizadas pelas crianças foram apresentadas na Exposição A Cidade das Crianças (2008), no lançamento do Portal Cultura Infância, a convite de Gabriel Guimard.
- <sup>3</sup> As crianças que participaram da Exposição Olhares das crianças sobre o Bom Fim (2011) foram: Ana Clara (7a), Clara (9a), Júlio (14a), Gabriel (11a), Lila (6a), Nicolas (9a), Kaori (5a), Victória (6a) e Eduarda (9a). Imagens e títulos fundaram uma narrativa visual e poética do bairro.
- <sup>4</sup> A respeito da denegação, “ser sob a forma de não ser”, ver Freud (1973) e Hyppolite (1988). Em Mais além do princípio do prazer, Freud (1973) apresenta com profundidade a análise da brincadeira na criança e sua relação com os processos de ausência e presença.
- <sup>5</sup> Entre os livros nos quais Sandra Pesavento analisou este tema, podemos referir a obra *O imaginário da cidade: visões literárias do urbano* (PESAVENTO, 2002).
- <sup>6</sup> Freud analisa esta relação no escrito *O poeta e os sonhos diurnos* (1973).
- <sup>7</sup> Os estudos referentes aos planos urbanos de Porto Alegre, referência da presente pesquisa, foram realizados na disciplina Cidade em Projeto, coordenada pelo arquiteto e urbanista João Rovatti, docente no Programa de Pós-Graduação em Planejamento Regional e Urbanismo da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em 2006/1.
- <sup>8</sup> O escrito sobre a proposição artística *Caminhando* (1963) foi produzido por Lygia Clark em 1964. Disponível em: [http://www.lygiacklark.org.br/arquivo\\_detPT.asp?idarquivo=17](http://www.lygiacklark.org.br/arquivo_detPT.asp?idarquivo=17). Acesso em: 6 jan. 2011.
- <sup>9</sup> As reflexões apresentadas nesse artigo são referentes a passagens da tese de doutorado Olhares das crianças sobre a cidade de Porto Alegre (MEIRA, 2011), realizada no Grupo de Pesquisa em Educação e Arte, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, com orientação de Analice Dutra Pillar.

## Referências

- AGAMBEN, Giorgio. *Enfance et histoire: destruction de l'expérience et origine de l'histoire*. Paris: Payot et Rivages, 2002.
- BAUMAN, Zygmunt. *Confiança e medo na cidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BENJAMIN, Walter. Rua de mão única. In: *Obras Escolhidas*. Vol. II. São Paulo: Brasiliense, 1993.

BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. Magia e técnica, arte e política. In: *Obras Escolhidas*. Vol. I. São Paulo: Brasiliense, 1986.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 2001.

CHOAY, Françoise. *L'Urbanisme: utopies et réalités, une antologie*. Paris: Éditions du Seuil, 1965.

CLARK, Lygia. *Caminhando*. Arquivos. Rio de Janeiro: Associação Cultural, 1964. Disponível em: <https://portal.lygiaclark.org.br/acervo/189/caminhando>. Acesso em: 6 ago. 2022.

DARMON, Marc. *Ensaio sobre a topologia lacaniana*. Porto Alegre: Artes Médicas. 1994.

DIDI-HUBERMAN, Georges. *L'image survivante: histoire de l'art et temps des fantômes selon Aby Warburg*. Paris: Les Éditions de Minuit, 2002.

FRATO, Francesco Tonucci e. La ciudad de los niños, un modo nuevo de pensar la ciudad. In: ZAINKO, María Amelia Sabbag (org.). *Cidades Educadoras*. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 1997.

FREUD, Sigmund. El poeta y los sueños diurnos. In: *Obras completas*, v. II. Madrid: Biblioteca Nueva, 3. ed., 1973.

HYPPOLITE, Jean. *Comentario hablado sobre la Verneinung de Freud*. Escritos 2. Buenos Aires: Siglo Veintiuno, 1988.

MEIRA, Ana Marta. *Olhares das crianças sobre a cidade de Porto Alegre: infância contemporânea, psicanálise, educação e arte*. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, UFRGS, Porto Alegre, 2011. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/29782>. Acesso em: 2 ago. 2022.

MEIRA, Ana Marta. *A cultura do brincar: A infância contemporânea, o brincar e a cultura no espaço da cidade*. UFRGS, 2004. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social e Institucional) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/5120>. Acesso em: 20 ago. 2022.

MEIRA, Ana Marta (Org.). *Novos sintomas*. Salvador: Ágalma, 2003; 2011.

MEIRA, Ana Marta. Corrupção, palavra e imagem: a Cidade das Crianças entre passos no Centro Histórico de Porto Alegre. In: POSSAMAI, Zita (org.). *Leituras da Cidade*. Porto Alegre: Evangraf e EDUFRGS, 2010. p. 199-208.

MEYER, Augusto. *Segredos da infância: No tempo da flor*. Porto Alegre: EDUFRGS, 1996.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *O imaginário da cidade: visões literárias do urbano*. Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre. Porto Alegre: EDUFRGS, 2002.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Sensibilidades no tempo, tempo das sensibilidades. *Revista Nuevo Mundo Mundos Nuevos*, Paris: Cerma, 2004.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Sensibilidades: escrita e leitura da alma. Texto. *Disciplina Teoria da História e Historiografia I: Sensibilidades*. UFRGS. Porto Alegre. 2006/I.

PIAGET, Jean. *Para onde vai a educação?* Rio de Janeiro: José Olympio, 1973.

SCHMIDT, Benito (org.). *Bom Fim*. Um bairro muitas histórias. Catálogo da Exposição organizada por Benito Schmidt e Museu da UFRGS. Porto Alegre: Museu da UFRGS, PROEXT, 2011.

SENNETT, Richard. *O corpo e a cidade na civilização ocidental: carne e pedra*. Rio de Janeiro: Record, 1997.

SENNETT, Richard. *O declínio do homem público: as tiranias da intimidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

TONUCCI, Francesco. *La ciudad de los niños: un modo nuevo de pensar la ciudad*. Buenos Aires: Losada, 1996.

**Ana Marta Meira**

Psicóloga (PUC/RS, 1985; CRP/RS 07/02819) e psicanalista. Mestre em Psicologia Social e Institucional (PPGPSI/UFRGS/2004). Doutora em Educação (PPGEDU/UFRGS/2011). Experiência docente em universidades e faculdades, entre estas UFRGS e UNIFRA. Autora de artigos sobre psicologia, psicanálise, educação, brincar, cultura e infância contemporânea. Integrante do Grupo de Pesquisa em Educação e Arte — GEARTE/UFRGS-CNPq. Coordenadora do projeto Cidade das Crianças.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0295-7653>

E-mail: [anamartameira@gmail.com](mailto:anamartameira@gmail.com)

Currículo: <http://lattes.cnpq.br/0493683714356463>

*Recebido em 23 de setembro de 2022*

*Aceito em 20 de outubro de 2022*

